Acervo ISA

190

LUX JORNAL SÃO PAULO

YAR00918

Aventura

À procura de ouro, três mil brasileiros estavam destruindo parte da floresta venezuelana. Foram obrigados a deixar o país.

Os garimpeiros são expulsos da Venezuela. E começa a longa jornada dentro da selva.

Depois de vários dias de caminhada pela floresta, eles começam a chegar aos povoados da fronteira brasileira. E contam suas histórias: economias perdidas, famílias separadas, fim de muitas esperanças. Reportagem de Plínio Vicente da Silva.

Brasil e Venezuela terão que discutir muito mais do que uma simples invasão de fronteira por aproximadamente três mil garimpeiros. Terão que avaliar, acima de tudo, os grandes estragos feitos na região, localizada entre os meridianos 63 e 64 Oeste e os paralelos 2 e 3 Norte, onde nascem rios importantes como o Couto de Magalhães, Mucajaí e Uraicoera (Brasil) e Orinoco (Venezuela). Expulsos os brasileiros, o cenário parece ter sido palco de guerra. As inúmeras clareiras apresentam sinais de violência: máquinas queimadas, lonas das barracas inutilizadas e mantimentos esparramados pelo mato. Quem conseguiu carregar alguma coisa antes da chegada dos soldados venezuelanos pode se dar por satisfeito. A maioria sequer teve tempo de juntar um pouco de comida antes de cair no mato.

A bandeira da Venezuela continua no meio da pista de Constituinte. Na quarta-feira da semana passada, apenas um soldado montava guarda no local, principal ponto de apoio da operação feita pela Guarda Nacional. A ausência dos militares sugeria a possibilidade de um pouso para se fazer um levantamento dos estragos, mas tão logo o helicóptero aproximou-se, um soldado venezuelano, armado com um fuzil-metralhadora, saiu correndo da barraca de campanha e ameaçou atirar. Apontando a arma para o helicóptero, ele fazia sinais para que o piloto arremetesse.

Na volta para o Paapiú, o vôo permitiu uma visão clara, embora já com o sol se pondo, das agressões já feitas à floresta, um importante habitat dos índios yanomamis, de fauna e de flora muito ricas. Em meio à revoada de araras e papagaios, o espetáculo era de entristecer. Além das clareiras abertas pelos garimpeiros, igarapés poluídos e rios com águas barrentas, também as encostas dos morros apresentavam sinais de anormalidades. Fraldas nuas, terra avermelhada e centenas de árvores amontoadas no sopé indicavam um desastre. Soube-se depois que o deslizamento foi provocado pelo tremor de terra que atingiu o Peru, bateu em Mato Grosso e espalhou seus efeitos também pela região de fronteira entre Brasil e Venezuela. As marcas deixadas vão dar anos de trabalho à natureza até que ela consiga recompor os estragos.

Por toda a área há garimpeiros fugindo do lado venezuelano. Muitos foram encontrados na tarde de quarta-feira passada na pista de Raimundo Nenê, já no território de Roraima, no Brasil. Um deles, Tércio Mascarenhas, era o mais aguardado de todos. Dono de metade da pista da Constituinte, o principal acampamento dos garimpeiros na Venezuela, ele perdeu tudo quando foi surpreendido por uma companhia da Guarda Nacional venezuelana. Assim que os helicópteros desceram, Mascarenhas foi informado de que devia sair imediatamente do território venezuelano. Tentou negociar, mas só o que conseguiu levar foi um pouco de alimentos, o rádio, a antena e a bateria.

Depois de alguns dias sem dar sinal de vida, Mascarenhas conseguiu montar a antena numa clareira e fazer contato com sua mulher, Júlia, como se verá adiante.

Na pista do Paapiú, também em Roraima, o movimento de aviões chega a ser alucinante. Aterrissagens e decolagens de minuto a minuto. As laterais da pista estão todas tomadas por garimpeiros fugidos às pressas da Venezuela. Muitos perderam tudo: ouro, máquinas, armas, equipamentos e comida.

Acrobacias

Pista é o que não falta na região. Entre a de Paapiú, a principal no lado brasileiro, e a Constituinte, na Venezuela, há pelo menos três campos de pouso: Chico Veloso, Raimundo Nenê e Paraíba. Esta última é a mais curiosa. Com pouco mais de 300 metros, fica a mais de dois mil pés de altitude, em cima de um morro. Os garimpeiros contam que nela só desce um piloto, o "Bosquinho", que voa com um "Rabetinha", aviãozinho que eles não sabem a marca, mas que usa pouca pista. Metade da pista fica do lado brasileiro e a outra metade na Venezuela. "Mas os soldados tomaram conta também do lado de cá", protesta Raimundo Ribeiro, que tinha um par de máquinas nas proximidades desta pista.

"Bosquinho" é também a alegria dos garimpeiros acuados na pista do Paapiú. Tempo chuvoso, céu entre meio aberto e meio fechado, de repente todo mundo vai para a beira da pista e começa a olhar para o ar. "Ele está lavando o avião", explica Marcello Schawant, catarinense, recém-chegado do mato. No céu, "Bosquinho" faz todo tipo de acrobacia. "Daqui a pouco você vai ver como ele faz para descer", alerta alguém que conhece o piloto há muito tempo. Descer para o piloto não é bom o termo. Ele simplesmente faz o avião planar até chegar à cabeceira da pista. Com o motor cortado, joga ao aparelho no chão e desce como se fosse um helicóptero, usando não mais do que cinco metros da pista. Um espetáculo que se repete todos os dias, três a quatro vezes, segundo Míriam.

Fuga da rotina

Flávio Tagima, pouco mais de 50 anos, vendia produtos veterinários para granjas em São Paulo. Filhos criados, seu hobby era o sítio de Ibiúna, onde tem uma plantação de chuchu que vende para o Pão de Açúcar. Cansado da rotina, aceitou o convite do empresário Jurandir Verssoza, dono de dois helicópteros na pista de Paapiú. Flávio chegou a Roraima há pouco mais de 40 dias, mas já mostrou do que é capaz. Organizou o acampamento, deu conforto e segurança ao pessoal e com ele os helicópteros não param, faturando quase 1.500 dólares por hora de vôo, transportando garimpeiros e carga para as clareiras. "Isso aqui é um paraíso. Estou remoçando", garante o nissei com um largo sorriso.

Fotos: Vanderley Almeida/Reuter

Final feliz: Júlia encontra Tércio, depois de dias de angústia.

Única esperança dos fugitivos, aviões...

Para as mulheres a espera não terminou: maridos e filhos ainda não apareceram.

... e helicópteros não podem parar.

Ganhar dinheiro com garimpo só mesmo os donos de aviões, helicópteros e os cantineiros. Tudo é cobrado em dólares ou em ouro, já que o cruzado praticamente não tem valor. Todo o referencial é o preço do ouro. Nas cantinas, uma cerveja em lata hoje custa 15 cruzados novos, um prato feito 25 cruzados novos. Preços que subiram 100% tão logo começaram os problemas com os venezuelanos. Por isso, muitos garimpeiros ficam rondando as cantinas à espera de uma caridade, de um prato de comida. Ou de uma carona para voltar para casa.

Velho Oeste

O cenário é de um velho filme do faroeste americano. Uma larga rua onde a sujeira mistura-se com o lamaçal, cachorros e galinhas passeiam despreocupadamente entre centenas de pernas que cruzam o local. Dos lados, cantinas, mercearias, restaurantes, oficinas, farmácias e até bordéis. Faltam apenas o saloon e os cavalos, substituídos pelo bares e aviões. A rua de terra é, ao mesmo tempo, a única da cidade e também a pista onde, hoje, se realizam centenas de pousos e decolagens diariamente. Cada avião que desce ou levanta vôo é como se fosse uma diligência. As personagens parecem ter atravessado o túnel do tempo.

Esta é a pista do Paapiú, longa, segura, embora cheia de pequenas falhas e um lamaçal que obriga os pilotos a muitas peripécias para não deslizar. Construída para dar apoio ao posto indígena que atendia índios yanomamis, hoje nem a Funai está mais no local, que abandonou depois de grande invasão promovida pelos garimpeiros em fins de 87. A Funai ficou até quando ficou a Polícia Militar. Assim que os policiais foram embora ela retirou seu pessoal, deixando os índios entregues à sorte e ao novos donos da pista.

O tuchaua Lourenço vive perambulando pela pista, que tem uma das cabeceiras bem em frente à sua maloca, procurando trocar arcos e flechas por cartuchos. "É pra caçar porco", explica o cacique yanomami, hoje completamente dominado pelos brancos e suas novidades. Mas, desta vez, com a invasão da Venezuela e a expulsão dos brasileiros, um cartucho passou a ter extraordinário valor no mercado e quem tem não troca nem vende.

Localizada a menos de 50 quilômetros da fronteira, na pista do Paapiú o movimento de aviões chega a ser alucinante. Aterrissagens e decolagens são feitas a cada minuto, num chega e sai interminável de aeronaves de pequeno porte. Elas não conseguem atender a todas as centenas de garimpeiros que estão acotovelados nas laterais da pista, fugitivos da Venezuela.

Desencanto

"Isto não devia acabar nunca", diz maravilhado o inglês Paul Mylrea, para quem a floresta amazônica é um dos mais belos espetáculos que já viu nas suas andanças pelo mundo todo. Mas à medida que o helicóptero avança e começam a aparecer as marcas do deslizamento, provocado pelo tremor de terra de dias atrás, ele começa a ter dúvidas de que a floresta vá agüentar toda a agressão que vem sofrendo. E quando vê a nascente do rio Couto de Magalhães jorrando água barrenta pelas corredeiras, ele fica sério. E desabafa ao ver os estragos que os garimpeiros estão fazendo: "É não vai agüentar". Nas clareiras o cenário é de um Vietnã e as marcas são de uma guerra. Que ainda não acabou, conforme garante o garimpeiro Leônidas Ribeiro de Araújo, o "Ribeirinho", encontrado zanzando na pista do Raimundo Nenê depois de cinco dias de varação pelo meio da mata, fugindo dos soldados: "Um dia eles vão embora. Aí a gente volta e começa tudo de novo".

Os fugitivos se explicam: "mato é tudo igual".

A chuva equatorial faz aumentar o calor úmido, deixando a pele pegajosa. Deitado na rede, limpando o suor com as costas da mão, o cearense Leônidas Ribeiro de Araújo, 60 anos, corpo quase esquelético, parece um personagem do livro "Chuva crioula", de José Mauro de Vasconcelos. Malárias, já não se lembra mais quantas são, uma atrás da outra. "Tão logo a gente para-va, lá ia de novo pro mato, que vida de garimpeiro não dá futuro na cidade", justifica, olhos amarelados por uma hepatite que poderá matá-lo se não for internado logo num hospital de Boa Vista.

"Ribeirinho", como é chamado pelos companheiros, tem mais de 30 anos de garimpo e já rodou do Pará ao Mato Grosso. Riqueza, nenhuma, só o suficiente para as mulheres, a bebida "e uns trens que deixei lá em Cuiabá. Coisa assim de uma casinha e um terreninho prá mulher e os filhos se ajeitarem". Depois de tantos anos no mato, ele já nem pensa mais em voltar para a cidade. Acha mesmo que um dia alguém vai passar por cima dele, numa grota qualquer, e não vai notar.

"Ribeirinho" atravessou da Venezuela para o Paapiú em mais de uma semana de varação mata a dentro. Perdeu tudo.

— Quando os soldados chegaram lá na grota, o primeiro pensamento foi pegar na espingarda. Mas era bobagem. Ia morrer muita gente. Então a gente entregou tudo e foi embora, com os trecos e um pouco de comida. No dia em que a comida acabou o jeito foi comer macaco. Mas deu prá chegar com vida. Ninguém ficou no caminho.

Leônidas, assim como milhares de garimpeiros, garante: não sabia que havia invadido a Venezuela. Ressalta que "não tinha nenhum marco, nada que avisasse que daqui pra lá era Venezuela. O mato é todo igual". Mas ele estava pelo menos 10 quilômetros dentro do território venezuelano quando foi surpreendido pelos soldados da Guarda Nacional. A clareira onde "Ribeirinho" trabalhava foi uma das primeiras a ser desativada pelos venezuelanos. O garimpeiro diz que não sofreu nenhum tipo de violência, mas revela que alguns amigos reclamaram de excessos:

— Teve gente que perdeu tudo, entregou o ouro e ainda levou umas bordoadas. O meu pessoal não tem o que reclamar. Eles (os soldados) foram muito educados com a gente.

Menos sorte teve Geraldo Percival, de 47 anos, que há seis largou tudo no Maranhão para aventurar-se no garimpo. Chegou ao Paapiú em agosto do ano passado e na Venezuela estava desde janeiro. Reclamando de dores, sinais aparentes de um derrame, ele mal consegue articular as palavras. Em breves sussurros conta que estava almoçando "um ovo frito com carne-seca e farinha quando os soldados chegaram. O barulho do helicóptero assustou todo mundo". Ele conta que o nervosismo o fez passar mal e acha que teve uma congestão. Quer apenas que alguém lhe dê uma carona até Boa Vista, para ir ao médico. Não estava se alimentando e nem conseguia se locomover. (Só no final da quinta-feira, dia 11, é que ele chegou a Boa Vista. No sábado, às 17 horas Percival morreu.)

Dos mais de 300 garimpeiros acantonados na pista do Paapiú — muitos sem ter como pagar um prato de comida ou uma passagem para Boa Vista —, o mais desesperado era Raimundo Nonato de Oliveira Neto. Ele conta que investiu cinco quilos e meio de ouro para construir uma pista — a da Constituinte — que, depois, acabou descobrindo estar em território venezuelano. Há mais de um mês Nonato recebeu um ultimato da Guarda Nacional para retirar tudo e ir embora. Disse que tentou convencer alguns garimpeiros da área a saírem, mas a maioria resistiu. "Como eles ficaram eu também fiquei", explica, acrescentando que "um dia os soldados chegaram em três helicópteros e deram um novo prazo para o pessoal sair. Alguns se foram, conseguiram retirar o maquinário, mas outros resolveram enfrentar os soldados. Então, eles começaram a fazer ameaças, como a de atirar em quem estivesse trabalhando", conta Nonato.

De prejuízo ele nem sabe quanto, pois não conseguiu ainda fazer um cálculo. Mas só na cantina havia mais de três toneladas de alimentos. Esses números são confirmados por Angelim Jerônimo, 27 anos, paranaense, técnico em Edificações, que trocou um emprego em Curitiba para ser cantineiro no garimpo. Para Angelim, o prejuízo do dono da pista passa dos 500 mil cruzados novos.

No lado brasileiro, a vida recomeça.

Duas lágrimas rolaram rosto abaixo. Sorriso emocionado, disse apenas duas palavras: "Ele chegou". Júlia apanhou com pressa sua mochila, correu para a pista, pouco se importando com o barro e o perigo de uma queda. Entrou no avião e lá se foi, para a pista do Raimundo Nenê, onde a esperava Tércio Mascarenhas, seu marido, que até pouco antes era dado como desaparecido. Avião no céu, pouco depois Júlia estaria nos braços de Tércio, longo beijo, demorado e apertado abraço, a floresta amazônica ao fundo. Do outro lado, onde o sol se esconde, a Venezuela, ali tão pertinho, para aonde Tércio não pretende voltar nunca mais. "Não vou deixar ele sair do lado brasileiro. A gente tem serviço para muito tempo. Não é preciso aventurar-se", garante Júlia, que passou vários dias à espera de um contato com o marido.

Tércio era dono, junto com Raimundo Nonato, da pista da Constituinte. Perdeu tudo, fugiu apenas com o rádio, a antena, uma bateria e um pouco de comida. Depois de vários dias sumido, fez Julia chorar ao chamá-la pelo rádio numa noite de muita chuva. Conseguira chegar do lado brasileiro, montou a antena e mostrou que estava vivo. Foi o suficiente para Júlia largar as crianças com uns parentes, trancar a casa e voar para o Paapiú. "Valeu a pena. Ele está salvo", chora a emocionada Júlia.

Abraçada à amiga, lamentando a má sorte, Míriam Gonzales, 40 anos, diz que perdeu mais de NCz$ 200 mil. "Eram todas as minhas economias e ainda estou devendo quase cem mil na praça de Boa Vista", explica, ressaltando que sua esperança agora é recuperar os seis pares de máquinas, "zeradas, ainda sem funcionar", que deixou do lado venezuelano. Mas acha difícil. "Eles não vão deixar a gente entrar lá", afirma desiludida.

Assim como Míriam, desiludida, e Júlia, esperançosa, há muitas mulheres no Paapiú à espera dos seus homens, dos seus patrões ou de uma outra oportunidade de trabalho. São na maioria cozinheiras, mulheres humildes que enfrentam uma dura vida para conseguir, ao final de cada mês, algumas gramas de ouro como pagamento. Mas há as ambiciosas.

Calça jeans de griffe famosa, botas, camisa de linha, jóias, ela não revela o sobrenome, que garante ser de uma tradicional família de Santa Catarina. No Paapiú todos a conhecem por Paula, embora muitos garantam que este não é seu nome verdadeiro. Esperta, extrovertida, diz que é médica e conhece todos no local, dos garimpeiros aos donos de pistas e pilotos. Sentada no banco sujo de madeira, à espera de um prato-feito, onde vão misturar-se arroz, feijão, macarrão e pirarucu ensopado, Paula repete a toda hora que está dura, mas não "blefada" (falida). "Hoje não tenho dinheiro aqui nem para o PF, mas fiquei sabendo que não devo nada na praça. Tudo o que perdi já está pago. Agora, é esperar um pouco e começar tudo de novo."

Quem quer começar tudo de novo é Alcinda Navarro, paraense, que espera pacientemente pela chegada do marido, João Gonçalves, que foi a Boa Vista fazer umas compras. Eles têm um serviço do lado brasileiro, "onde está dando para tirar de 200 a 300 gramas por mês. A Venezuela foi apenas uma aventura". Alcinda lamenta a sorte de Maria Silvina de Andrade, que não conseguiu escapar a tempo. O que se sabe dela é que deu à luz uma menina numa das clareiras próximas à pista da Constituinte. Depois, desapareceu. A esperança de todos é que ela esteja varando a selva na direção do Paapiú, em companhia de outros garimpeiros. E trazendo nos braços uma nova vida, que já começa sofrendo como todos os que enfrentam a dura realidade dos garimpos.

17 MAI 1989

jornal da tarde